

Pesquisa em rede social sob a ótica bakhtiniana do dialogismo e da responsividade: a negação da ciência (entre)vista em tecnodiscursos no X/Twitter

Social Network Research from the Bakhtinian Perspective of Dialogism and Responsiveness: The Negation of Science (between)seen in Technodiscourses on X/Twitter

Emerson Tadeu Cotrim Assunção

Universidade do Estado da Bahia
(UNEB), Campus XX, Brumado | BA | BR
emersonbrumado@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0739-7026>

Urbano Cavalcante Filho

Universidade Estadual de Santa Cruz
(UESC), Ilhéus | BA | BR
Instituto Federal da Bahia (IFBA)
Campus Ilhéus, Ilhéus | BA | BR
urbano@ifba.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-1429-5300>

Resumo: É inegável que as relações sociais na atualidade estão afetadas pelos enunciados circulantes na *Web*. Isso se comprova pelo crescente número de pesquisas de objetos advindos dos tecnodiscursos (Paveau, 2021) sobre as rotinas dos cidadãos, a exemplo do impacto das redes sociais na divulgação da ciência e sobre negacionismos científicos. Pensando na potencialidade da *Web* e em afetamentos discursivos, objetiva-se apresentar procedimentos de coleta de dados em ambiente virtual que tratam de comentários de negação da ciência dispostos no X/Twitter da Veja (@Veja) em matérias sobre ciências da saúde no período de agravamento da pandemia no Brasil (março de 2020) e como esses comentários são dialógicos e responsivos (Bakhtin, 2015; 2016; Volóchinov, 2018) com os discursos de autoridade (Volóchinov, 2018) de Jair Bolsonaro, ex-Presidente do Brasil. A pesquisa se enquadra na abordagem qualitativa (Flick, 2009; Minayo, 2012) de inspiração netnográfica (Kozinets, 2014) e segue os procedimentos: a) utilizando a ferramenta de busca do próprio X/Twitter, buscou-se notícias com base nas palavras-chave sobre ciências da saúde (Brasil, 2022); em seguida, b) categorizou-se os comentários com negacionismos em palavras concretas; após isso, c) criou-se a nuvem de palavras com os termos de maior recorrência; feito isso d) fez-se uma criteriosa busca no *google.com* com esses mesmos negacionismos em discursos governamentais no Brasil e, por fim, e) analisou-se como esses comentá-



rios recuperam sentidos dos discursos de Jair Bolsonaro sobre a pandemia. As análises evidenciam que os discursos de negação da ciência presentes nos comentários estão em relação dialógico-responsiva com os discursos do ex-presidente.

Palavras-chave: negacionismo; tecnodiscurso; dialogia; responsividade; Jair Bolsonaro.

Abstract: It is undeniable that current social relations are affected by statements circulating on the Web. This is evidenced by the growing number of researches on objects arising from technodiscourses (Paveau, 2021) in the routines of citizens, such as the impact of social networks on the dissemination of science and scientific denialism. Thinking about the potential of the web and discursive affects, the aim is to present data collection procedures in a virtual environment that deal with science denial comments made on Veja's X/Twitter account (@Veja) in articles on health sciences during the period when the pandemic was worsening in Brazil (March 2020) and how these comments are dialogical and responsive (Bakhtin, 2015; 2016; Volóchinov, 2018) to the discourses of authority (Volóchinov, 2018) of Jair Bolsonaro, former President of Brazil. The research is based on a qualitative approach (Flick, 2009; Minayo, 2012) inspired by netnography (Kozinets, 2014) and follows these procedures: a) using X/Twitter's own search tool, we looked for news based on keywords about health sciences (CAPES, 2022); then, b) we categorised the comments with denialism into specific words; after that, c) we created a word cloud with the most recurrent terms; after that, d) we did a careful search on google.com these same negationisms in government speeches in Brazil and, finally, e) it was analyzed how these comments recover meanings from Bolsonaro's speeches about the pandemic. The analyses show that the discourses of science denial present in the comments are in a dialogical-responsive relationship with the former President's discourses.

Keywords: negationism; technodiscourse; dialogue; responsiveness; Jair Bolsonaro.

1 Considerações iniciais

Estamos na era do tecnodiscurso. Cada dia com mais força, a produção de sentidos em ambientes digitais tem produzido diversas (re)significações no entorno da palavra e do sujeito. Por mais distante que o sujeito se coloque em relação ao ambiente virtual, ele está afetado pelas discursividades que na *Web* estão materializadas. Isso se comprova, por exemplo, com a recorrência de termos emprestados da *Internet* no nosso cotidiano além-rede: “mandar um *zap*”, “*vi na net*”, “vou postar a receita”, “*tá no Face*”, entre tantos outros, que se tornaram lugar-comum na fala de milhões de brasileiros expostos aos discursos que circulam nos ambientes virtuais.

Pensando a Universidade como *microcosmos* social interessado pelas pesquisas que afetam a vida das pessoas, é crescente o número de estudos acadêmicos que tematizam o impacto da *Web* no cotidiano dos cidadãos e como o ambiente virtual interfere nas escolhas, nos posicionamentos e mesmo nas relações sociais fora da virtualidade entre sujeitos e sujeitos (físicos e virtuais). Nessa linha de pensamento, estamos presenciando, por exemplo, várias reconfigurações que as pesquisas etnográficas ganharam na atualidade, inclusive com a criação de um tópico específico para esse fim. Estamos falando da netnografia e de pesquisa de inspiração netnográfica (Kozinets, 2014; Noveli, 2010; Soares; Stengel, 2021). A netnografia, por assim dizer, diz respeito a condutas e procedimentos da etnografia aplicados às culturas e comunidades virtuais e às representações do fenômeno cultural na *Internet* (Kozinets, 2014). Aqui neste artigo, embora busquemos na netnografia processos e procedimentos de coleta de dados, o nosso foco está na pesquisa qualitativa, com discursividades advindas da rede social *X/Twitter*¹, que registram a dualidade entre ciência e negação da ciência presentes em notícias de um portal jornalístico e de comentários de usuários da rede, sob a ótica do dialogismo e da responsividade bakhtinianos (Bakhtin, 2015; 2016; Volóchinov, 2018).

Essa aposta em uma pesquisa que utiliza uma rede social se justifica em decorrência de ser a rede social um espaço democrático de uso, em que sujeitos, mesmo que optantes pelo anonimato, exercitam as suas posições discursivas e que se abrem para outras posições de outros usuários. Defendemos que as redes sociais, ao garantir esse acesso democrático, se mostram potentes em face de uma conversa no dia a dia entre sujeitos em seus cotidianos, vez que no tecnodiscurso (Paveau, 2021) as irrupções são de outra ordem, as interrupções se dão de maneira mais ou menos organizadas, diferenciando-se assim do bate-papo do cotidiano, em que as alternâncias de vozes entre as pessoas são marcadas pelo ritmo, pela entonação, pela expressão visual, entre outros. De forma mais clara, a produção linguageira tecnodiscursiva é organizada em tópicos, com possibilidade de outros comentários com posicionamentos divergentes ou convergentes, com caracteres específicos, com características próprias, com possibilidade de silenciamento do interlocutor por um dos interactantes da interação, com certa vigilância pela rede que categoriza as palavras pelo seu teor (ofensa, ameaça, pre-

¹ O *Twitter* passou a ser chamado de *X* em 23/07/2023; Elon Musk, quando comprou a empresa, fez uma série de alterações no funcionamento da plataforma. Neste artigo, optamos por grafar o nome da plataforma como *X/Twitter*, tendo em vista o fato de à época de coleta de dados, era o registro de como nos referíamos à plataforma, inclusive os mecanismos de busca aparecem grafados como <www.X/Twitter.com/>. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/07/25/alem-do-x-veja-10-mudancas-no-X/Twitter-sob-o-comando-de-elon-musk.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2024.

conceito, discurso de ódio, entre outros) e com possibilidade de exclusão do comentário e mesmo suspensão do usuário por um determinado tempo da rede social.

Em síntese, o ambiente virtual faz com que o sujeito sinta-se encorajado a se posicionar, se encontre numa posição confortável para o debate, já que não está fisicamente em contato com o interlocutor, use da economia de palavras para um fim específico, lançando mão de recursos distintos de um ambiente real. Se pré-redes sociais “éramos ‘obrigados’ a conviver com todo tipo de gente, nas plataformas digitais, isso já não é mais necessário. Podemos escolher especificamente as opiniões de quem desejamos ouvir e quais iremos ignorar” (Fancelli, 2022, p. 26).

Outra questão a ser considerada é o fator algoritmo. Se a facilidade em fazer e desfazer amizade em redes sociais está apenas a um clique do usuário, o algoritmo consegue fazer com que esse usuário fique em uma bolha confortável com sujeitos que possuem características mais ou menos parecidas às suas, que respondam a anseios próximos dos seus e que, de certa forma, tenham perfis parecidos. Fancelli evidencia que “os algoritmos de redes sociais como *Facebook*, *YouTube* e *Instagram* também colaboram com [...] processo de alienação. Eles estão configurados de modo que ajudam a radicalizar seus usuários” (2022, p. 26), fazendo com que os sujeitos tenham em sua volta certo conforto para evidenciar as suas posições. Se contrariado, ele pode desfazer a amizade e mesmo bloquear o interlocutor, ou, caso se abra para o diálogo, tecer uma salamandra discursiva (Paveau, 2021) que deságua noutros enunciados, evidenciando uma ecologia tecnodiscursiva (Paveau, 2021) com posicionamentos diversos. De igual maneira, o algoritmo sempre oferece ao usuário textos, amizades, produtos e vídeos próximos daquilo que ele pesquisou na rede, pois “essas redes foram arquitetadas para nos manter conectados. É assim que lucram” (Fancelli, 2022, p. 26) e é assim que discursos ganham força, a exemplo dos discursos de negação da ciência, de autoritarismos, de ascensão de projetos políticos antidemocráticos, por exemplo.

Aqui, trazemos para a discussão uma ecologia tecnodiscursiva que registra comentários de negação da ciência, presentes no *X/Twitter* da revista *Veja* (@Veja – que possui 9,1 milhões de seguidores²), sobre matérias que tratam de temas relacionados à saúde, entre os dias 1º e 31 de março de 2020, mês e ano que o Brasil se viu abalado pela emergência de saúde pública mundial decorrente da pandemia provocada pelo Sars-Cov-2, o novo *Coronavírus*, e como esses comentários recuperam/reverberam sentidos de negacionismos científicos nos discursos de autoridade propagados pelo ex-presidente Jair Bolsonaro em suas redes sociais e em suas falas públicas para veículos de comunicação no mês de agravamento da pandemia no Brasil.

O objetivo desse artigo é, além da discussão sobre negacionismo científico, contribuir para pesquisas que se interessem pela abordagem do tecnodiscurso como objeto de investigação linguística. Utilizamos, portanto, o negacionismo científico como objeto de estudo, dando ênfase em algumas possibilidades de coleta de dados em ambiente virtual de rede social e seus (re)enquadramentos teórico-metodológicos com vista à movência discursiva que um comentário registra, enquanto elo na cadeia da comunicação discursiva (Bakhtin, 2016).

² Embora a @Veja seja o segundo maior portal de notícias com seguidores no *X/Twitter* no Brasil, ficando atrás apenas do @G1 (portal do grupo Globo, com cerca de 14 milhões de seguidores), a escolha se deu em decorrência de ser a @veja o perfil de um único veículo de comunicação (a própria revista *Veja*) com mais seguidores e o G1 congregar notícias do conglomerado de comunicação do grupo: emissoras de TV (Tv Globo e *Globo News*, por exemplo), revista (*Época*, por exemplo) e jornal (*O Globo*, por exemplo), muito embora cada um desses portais citados possuam perfil no *X/Twitter* e as matérias estejam presentes neles e no portal @G1.

Ou seja, sendo editável e possível de exclusão, um comentário feito em uma rede social se move em decorrência de diferentes fatores: mudança de opinião, ofensa a um interlocutor, exclusão do perfil na rede social, entre outros. Por esse motivo, apostamos no desenho metodológico que apresentamos na terceira seção deste texto que aqui resumimos em: utilização de palavras-chave para busca na plataforma X/Twitter de notícias sobre ciências da saúde; categorização dos comentários com negacionismos em palavras concretas; criação de nuvem de palavras com os termos de maior recorrência; busca no *google.com* com esses mesmos negacionismos em discursos governamentais no Brasil e, por fim, análise de como esses comentários recuperam sentidos dos discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia.

Para a composição do artigo, trazemos, detalhadamente, conceitos claros do que já grafamos aqui neste texto, como tecnodiscurso (e suas variações), salamandra discursiva, X/Twitter, algoritmo, rede social, entre outros, que faremos na segunda seção desse texto. A terceira seção, como já dito, tratará de questões metodológicas. Por fim, apresentamos na quarta seção, uma análise de uma sequência de tecnodiscursos que trazem comentários de negação da ciência e a quem/que esse negacionismo se relaciona dialogicamente, momento que fazemos um batimento com a Análise Dialógica do Discurso (ADD, como propõe Brait, 2006).

É importante registrar que esse manuscrito não trata de um artigo que põe em discussão/tensão/historização conceitos da teoria dialógica do discurso, mas, sim, de um texto que faz a convergência dessa teoria com discursos da esfera digital, ou tecnodiscurso como optamos registrar aqui, que se interessam pela negação da ciência como objeto de estudo.

2 Internet, rede social, tecnodiscursos, X/Twitter: a virtualidade do signo e do sujeito

A *Internet* é caracterizada como um ambiente virtual com especificidades ainda desconhecidas de grande parte da população. Por ser ainda uma novidade, a *Web* traz consigo um leque de possibilidades, de inseguranças, de potencialidades e de linguagens, entre elas, o tecnodiscurso. Para Paveau (2021), o tecnodiscurso se caracteriza pelo exercício discursivo em ambiente virtual, com as especificidades que a rede oferece e com as suas características, como a possibilidade da edição, a distância física entre os interlocutores, a síntese argumentativa e a possibilidade de multiplicação, replicação e alcance que um discurso na esfera presencial não possui.

Por mais céticos em relação ao poder discursivo oportunizado pela virtualidade da rede, os sujeitos estão afetados pelo que nela se produz e se divulga. Desde um simples cadastro em uma plataforma governamental até o modo de comunicação estabelecida pelo *WhatsApp*, por exemplo, reconfiguram a linguagem nesses ambientes, reverberando na língua do cotidiano. Não estamos falando, obviamente, da criação de palavras e termos técnicos usados na *Internet*. É mais que isso. É uma mudança linguística que extrapola a própria língua. Sendo mais claros, usamos uma determinada linguagem para a interação virtual que, usualmente, não é a mesma que praticamos em nosso cotidiano presencial. Em vista do distanciamento físico que a *Web* se/nos impõe, os discursos nas redes sociais sedimentam o uso de *emojis*, *emoticons*, termos mais agressivos, ofensas, discursos de ódio, e a possibilidade de

se comunicar com uma bolha (Fancelli, 2002), que faz com que os sujeitos exercitem papéis determinados pelo grupo a que pertencem.

Comumente, as pessoas caracterizam os veículos de comunicação como esferas de ideologização contrárias aos posicionamentos dos governos que apoiam. Foi assim com os governos de esquerda, em que militantes advogavam que o noticiário era contrário ao mandante em exercício; como foi assim com o governo de Jair Bolsonaro, alinhado à extrema-direita, em que os militantes pró-governo acusavam a grande mídia de um certo “esquerdismo”. Então, já que os veículos de comunicação estão ativamente com perfis nas redes sociais, é comum encontrar nos comentários das notícias divulgadas no X/Twitter de portais de notícias essas acusações, com uma linguagem mais agressiva e mesmo um tom belicoso, muito embora o teor da notícia não seja objeto desse comentário. Cumpre dizer que esse tipo de recorrência é bastante significativo, pois, geralmente, se traduz como *bots* (abreviatura de robô em inglês) pró-governo, como o objetivo de agregar defensores do então governo e de desacreditar o portal de notícia.

Quando um linguística/analista do discurso se lança na seara de pesquisa em/com ambiente virtual, espera-se que ele já chegue com um renque de conceitos do que são essas demandas e se coloque com certa *imunidade vacinal*, termo emprestado das ciências da saúde, para lidar com o seu ambiente de estudo. Isso significa dizer que, nesse tipo de pesquisa, como bem delimita Recuero (2016), tudo faz sentido e tudo é mais ou menos encadeado como uma rede ou, como pensa Paveau (2021), como uma salamandra que, quando perde uma parte de seu corpo, logo uma outra parte nasce em seu lugar. Sabendo disso, arriscamo-nos aqui a analisar como os tecnodiscursos de negação da ciência são e estão enredados em comentários em um portal de notícias e como esses discursos estão em dialogia com os discursos de autoridade, a exemplo dos discursos de negação da ciência, fortemente alardeado pelo ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (Assunção; Cavalcante Filho, 2024).

É importante registrar que, entre os anos de 2020 e 2022, o mundo presenciou a ciência assumir o papel central nas discussões no entorno das questões sociais (e histórico-políticas principalmente), haja vista a necessidade imposta pela emergência de saúde pública provocada pela covid-19 de colocar em destaque vozes de cientistas com orientações para o enfrentamento da pandemia e com a busca de remédios para a patologia e imunizantes contra o coronavírus encabeçarem as agendas de quase todos os líderes mundiais.

De acordo com o DEBRITO (Digital Report 2022 Brasil – *Hootsuite/We are social*)³, o Brasil possuía, até 2022, cerca de 165.5 milhões de usuários conectados na *Web*, o que correspondia a 77% da população geral do país. Entretanto, a quantidade de aparelhos celulares conectados a alguma rede social é levemente maior que a população de brasileiros, já que eram 224.9 milhões ante os 214.7 milhões de habitantes que o país tinha em janeiro de 2022. Esse dado pode ser lido de algumas maneiras: o brasileiro usa o aparelho celular para além das funções básicas de ligações e sinaliza que estamos, de algum modo, conectados a alguma rede social em aparelho móvel, sem a necessidade de um local específico para o uso, como um escritório ou mesmo o computador pessoal em casa. A média de horas gastas pelo brasileiro por dia com usos na *Internet* eram de 5h25m pelo celular e de 4h45m por computador, o que significa dizer que em média passamos cerca de 20% do nosso tempo conectados com alguma plataforma digital de comunicação. O relatório mostra, ainda, que mais de 80% da população

³ Disponível em: <https://www.confef.org.br/midias/uploads/imce/PLANEJAMENTO%20DIGITAL%20CONFEE%202022.pdf> Acesso em: junho de 2023.

brasileira ativa na *Web* passa o tempo em busca de informações e quase 73% em contato com amigos e familiares em redes sociais. Os dados mostram, também, que 97% assistem a algum tipo de vídeo *on-line* e 62% visitam redes sociais para obter informações sobre produtos.

Sobre as redes sociais, os dados do Brasil não se diferem dos dados mundiais em geral: o *WhatsApp* é a rede social mais usada (cerca de 165 milhões de usuário no país), seguidos do *YouTube* (138 milhões), *Instagram* (122 milhões) e *Facebook* (116 milhões). O *X/Twitter*, por sua vez, não figura como maior alcance no Brasil e, apenas, 30% dos brasileiros possuem perfil nessa rede. O relatório aponta, ainda, que os usuários das redes sociais no Brasil estão interessados em contatos com família e amigos (65%), visualizando *stories* (57,4%) e buscando produtos para compras/avaliações (cerca de 47%). Então, é possível dizer que os usuários de redes sociais no Brasil cumprem determinadas funções específicas criadas para essas redes e, entre uma curtida e outra, usam as plataformas digitais também para se atualizarem sobre acontecimentos do cotidiano (cerca de 38%).

Esses estudos, que traçam perfis de usuários das redes sociais virtuais como o apresentado acima, servem para alimentar os bancos de dados de empresas, auxiliando na divulgação de produtos e serviços que são oferecidos ao público em geral. A composição de bancos de dados e nichos específicos tem gerado uma série de estudos com base na semiótica, na psicologia, na política, entre outros. De modo a configurar um perfil ideal para um determinado produto e/ou serviço, as empresas buscam estratégias para ativar modos de (re)configuração dos usos da linguagem, do comércio, da prestação de serviços e da própria identidade de usuários das redes sociais. Isso se comprova pelo crescente número de empresas de *marketing* digital e de administradores de perfis de usuários que ganham notoriedade na mídia.

Digital influencer, quantidade de seguidores, perfis verificados, *fã-base*, *stories*, *lives*, *reels*, caracteres, cancelamento, entre outros, fazem parte do imaginário sociodiscursivo do usuário das redes sociais e, de igual medida, estão presentes nas características das próprias redes sociais, que precisam se movimentar cotidianamente para o enfretamento das avalanches de informações que os usuários nelas depositam todos os dias. Combate a notícias falsas e combate a discursos de ódio estão encampando os portfólios das principais mídias digitais e os usuários estamos sendo cotidianamente observados pelos caracteres que utilizamos em nossos comentários e postagens.

Uma rede social não foi pensada como ferramenta de divulgação científica, muito menos como veículo de informação, quiçá como substituto das mídias tradicionais. Entretanto, dado o seu poder de alcance, as redes sociais virtuais passaram de um lugar de entretenimento para um lugar de disputas de narrativas, de finalidade informativa e de midiativismo⁴.

Como esse estudo se interessa por uma rede social específica, o *X/Twitter*, delimitamos aqui algumas considerações específicas. Recuero e Zago (2016, p. 82) evidenciam que o “*Twitter* é uma ferramenta de micromensagens lançada em outubro de 2006, obtendo um rápido crescimento no mundo e no Brasil”. De forma direta, já que as postagens eram reduzidas a, no máximo, 140 caracteres no início, hoje a rede permite textos maiores, mas que não extrapolem o limite de 280 com espaços, e os usuários desse *microblog* são instados a respon-

⁴ Em termos simples, o midiativismo está preocupado com uso da mídia para, além de informar, problematizar o fato social, permitir as vozes dos grupos minoritários. Em outros termos, uma mídia comprometida com o sujeito e com a sua história social. Ver e-book: <https://interfacesdomidiativismo.files.wordpress.com/2018/06/e-book-interfaces-do-midiativismo01.pdf>

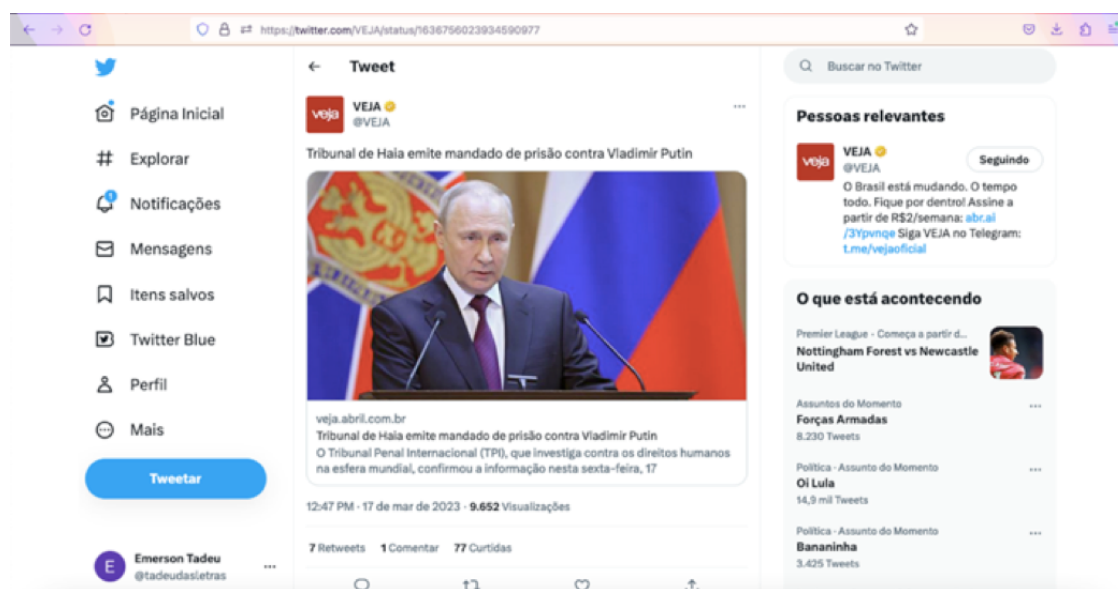
derem ao seguinte questionamento: o que está acontecendo? Essas publicações podem usar de múltiplas linguagens, já que é possível, além do texto escrito, o compartilhamento de *emojis*, GIF, enquetes, imagens (vídeo e foto) e a programação de publicação para o futuro. Além disso, o usuário pode delimitar quem pode responder ao que foi publicado, deixando o seu perfil restrito para seguidores ou aberto para qualquer membro. Também, é possível seguir perfis de pessoas, instituições, lugares, programas, portais, entre outros, de quem o usuário da rede tenha interesse.

Embora criado como ferramenta de entretenimento, o X/Twitter ganhou outras possibilidades: espaço de divulgação de informações e notícias e como agenda política de governantes. Inclusive, essa é a rede social de preferência de governos e de representantes governamentais de quase todos os países⁵. Com raríssimas exceções, a exemplo da China e Coreia do Norte, o X/Twitter é a rede social preferencial de presidentes e chefes de Estados mundo a fora. No Brasil, todos os ex-presidentes, pós-criação do X/Twitter, possuem perfil nessa rede e, durante os seus governos, publicavam frequentemente suas agendas e as notícias de suas gestões.

Não obstante, todos os portais de notícias do Brasil possuem perfil ativo no X/Twitter. É a rede preferencial de divulgação de notícias e, em decorrência do número limitado de *caracteres*, de *links* para a matéria. Aos usuários, de modo geral, são oferecidos um resumo da notícia, uma imagem e um *link* para a matéria completa. Esse conjunto de informações, para muitos, é o bastante para a emissão de um posicionamento sobre o que se depreendeu da notícia em si (Recuero, 2016). Isso se comprova pelos equívocos de informações comumente presentes nos comentários e por confusões feitas pelos usuários sobre o que diz a matéria em si.

Como exemplo disso, trazemos a seguinte ecologia de enunciados:

Imagem 1 – X/Twitter da @VEJA com chama de notícia



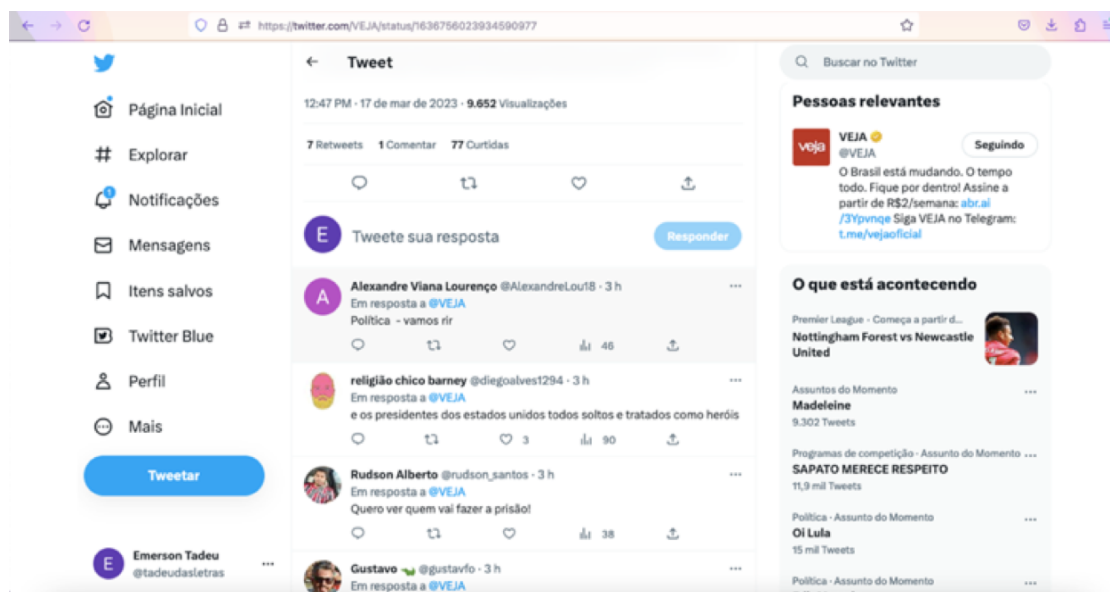
Fonte: <https://X/Twitter.com/VEJA/status/1636756023934590977> Acesso em: 17 mar. 2023

⁵ Disponível em: <https://exame.com/casual/twitter-e-a-principal-rede-social-dos-lideres-de-governo/> Acesso em: 15 set. 2024.

A publicação traz a notícia de que o Presidente da Rússia, Vladimir Putin, teve uma ordem de prisão decretada pelo Tribunal de Haia. A matéria disponível, ao clicar no *link*, informa que essa decisão do Tribunal não possuirá efeitos práticos, haja vista a Rússia não seguir as decisões proferidas pela Corte de Haia. De igual modo, informa que a Rússia não reconhece a decisão e tampouco aquiesce do que foi decidido pelo TPI (Tribunal penal Internacional)⁶.

Entretanto, os comentários parecem não considerar o teor da notícia em si. Vejamos:

Imagem 2 – Comentários de usuários em notícia no X/Twitter da @VEJA



Fonte: <https://X/Twitter.com/VEJA/status/1636756023934590977> Acesso em: 17 mar. 2023

Se observarmos o que dizem os usuários encontramos informações que se mostram distantes do teor da notícia em si, mas presas à ecologia dos enunciados apresentados no X/Twitter: “quero ver quem vai fazer a prisão” e “os presidentes dos estados unidos todos soltos como heróis” (sic) são exemplo de comentários de usuários da rede que sinalizam para: *a*) estão presos à ecologia apresentada na rede (a imagem + o resumo da notícia + o título da matéria), que levam a crer que a prisão poderia ser exequível e *b*) tergiversam para outra questão: o fato de os EUA serem signatários das decisões da Corte de Haia e, possivelmente, cumprirem a decisão de prender algum político (no caso, um Presidente), caso o TPI assim decidisse.

Esse exemplo serve para ilustrar o que dissemos acima: muitos comentários de usuários que usam as redes sociais se dão na esfera da rede em si e não nas possibilidades ampliadas das leituras que a rede oferece, a exemplo de clicar no *link* oferecido para ter acesso à matéria completa. A importância de trazer a ecologia de enunciados, como orienta Paveau (2021), está na responsividade (Volóchinov, 2018) de ver não o enunciado em si, mas a cadeia de enunciados que tomam a página por completo. No caso específico desse exemplo, temos a imagem do Presidente Putin com o semblante sério (talvez tenso – que leva a crer que ele

⁶ Essa matéria pode ser acessada por meio do link: <https://veja.abril.com.br/mundo/tribunal-de-haia-emite-mandado-de-prisao-contravladimir-putin/>

estaria preocupado com a iminente prisão), a quantidade de curtidas e de visualizações e os *retweets* (que são pessoas que compartilham essa notícia em seu perfil pessoal no X/Twitter).

Cumprе salientar que esse exemplo foi retirado no mesmo dia em que a publicação foi feita (17 de março de 2023, às 12h34m), como podemos observar na imagem 01, que aparecem a data e o horário em que o *print* da página foi realizado com a notícia (17 de março de 2023, às 16h34m), e na imagem 02, com o *print* dos comentários (em 17 de março de 2023, às 16h39m).

O exemplo em tela exemplifica as apostas que Kozinets (2014) faz ao teorizar sobre a etnografia *on-line*, ou, como ele define, *netnografia*⁷. A abordagem *netnográfica* orientou todos os procedimentos da coleta de dados. Entretanto, essa pesquisa não é uma *netnografia* em si. É uma pesquisa interessada em discursividades que sinalizem para a negação da ciência como um efeito de discursos de autoridades no Brasil. Ao escolher o X/Twitter do portal de notícias e analisar os comentários feitos por usuários da referida rede social, não delimitamos uma comunidade específica em si, já que é possível não ser seguidor do perfil da revista na rede e fazer comentários. Também, não é esqueço o sujeito que comenta, mas o comentário em si. De modo que, não tivemos quaisquer interações com os comentadores (nem curtaida de comentário, nem respostas, tampouco interação em seu perfil pessoal) e muito menos interesse em observar o seu perfil na rede. Ficamos presos apenas ao comentário e à ecologia desse nessa salamandra discursiva (Paveau, 2021) que se encadeia à notícia. Então, não é possível caracterizar essa pesquisa como uma *netnografia*, em sentido *lato*, como o defendido por Kozinets (2014), mas, sim, como uma pesquisa que respeita os princípios *netnográficos*, que se enquadra numa abordagem qualitativa de pesquisa de discursos com inspiração *netnográfica*. Dito de forma mais clara, o X/Twitter serve apenas como *lôcus* privilegiado para se (entre) ver a dialogia e a responsividade presentes entre enunciados de divulgação e de negação da ciência como esfera que traduz o *microcosmos* social da cronotopia do Brasil de março de 2020.

3 Aspectos metodológicos do estudo tecnodiscursivo

As pesquisas sobre relações humanas mediadas pela linguagem afetam diretamente o pesquisador, já que ele está envolvido no processo de observação e análise dos dados. Esse tipo de investigação nas ciências humanas, no geral, e na ciência da linguagem, em particular, é envolvente e instigante, no qual o processo de pesquisa é tão importante quanto o próprio objeto estudado. Durante o fazer investigativo, detalhes que pareciam óbvios são desvendados, revelando a essência do objeto em meio às interações entre pesquisador, objeto e o mundo ao redor.

⁷ A *netnografia* está interessada em estudar a comunicação mediada por computador como fonte de dados para se chegar à representação de um fato social ou fenômeno cultural na/da *Internet*, esse tipo de pesquisa se apresenta como uma perspectiva em que o pesquisador precisa orientar a sua conduta e a sua prática investigativa em comunidades virtuais. Para isso, alguns procedimentos ou diretrizes para o desenvolvimento de uma abordagem *netnográfica* são seguidos, quais sejam: a entrada em campo, a delimitação do espaço, a formulação da pergunta de pesquisa, a preparação do trabalho em campo virtual e a identificação da comunidade virtual pesquisada (Kozinets, 2014). Para a coleta dos dados, alguns procedimentos precisam ser respeitados: os dados arquivais, os dados extraídos da comunidade e os dados extraídos das observações do pesquisador (Kozinets, 2014). Tudo isso perpassado pelo limiar da ética *netnográfica* (Kozinets, 2014, p. 132), ou seja: se identificar como pesquisador, quais os constituintes das apostas de pesquisa, a autorização para a coleta, o consentimento quando necessário e o crédito para os membros da comunidade.

A instabilidade do ambiente virtual influencia a construção do sentido, como uma costura que está sempre sendo refeita. A pesquisa com discursividades digitais requer capturar momentos específicos como enunciados concretos (Volóchinov, 2018), usando, por exemplo, ferramentas como o *print* (cf. Paveau, 2021) para se conseguir observar a ecologia tecnodiscursiva, levando em considerações elementos como curtidas, *retweets*, comentários, propagandas, entre outros. Além disso, o pesquisador deve se reconhecer como parte afetada pelo discurso digital, pois, mesmo que não ativamente envolvido, ele é influenciado pelo que circula na *Web*.

Sobre fazer pesquisa, é interessante observar o que diz Minayo (2012):

Fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta dos dados. À trilogia acrescento sempre que a qualidade de uma análise depende também da arte, da experiência e da capacidade de aprofundamento do investigador que dá o tom e o tempero do trabalho que elabora (Minayo, 2012, p. 622).

Certamente, “o tom e o tempero” de que fala Minayo (2012) garantem que a identidade do pesquisador, investido na função investigativa, deixe marcas no objeto a fim de compreendê-lo, já que em pesquisa qualitativa o verbo principal é compreender. Nesse caso específico, ao pesquisar um ambiente virtual que usamos em nossos cotidianos para entretenimento, informação, pesquisa, é preciso refletir sobre nossa própria prática, como usuários das redes, leitores dos discursos presentes nelas e influenciados pelos tecnodiscursos.

De antemão, acreditamos que seja importante responder: afinal, o que é pesquisa qualitativa? Apresentamos alguns apontamentos que diferenciam uma pesquisa quantitativa de uma pesquisa qualitativa (Mussi; Mussi; Assunção; Nunes, 2019). Nesse texto, ao definir a pesquisa qualitativa, trazemos a contribuição de Flick (2009), que diz:

[...] A pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais. Consequentemente, a pesquisa qualitativa ocupa uma posição estratégica para traçar caminhos para que as ciências sociais, a psicologia e outras áreas possam concretizar as tendências apresentadas por Toulmin, no sentido de transformá-las em programas de pesquisa, mantendo a flexibilidade necessária em relação a seus objetos e tarefas [...] (Flick, 2009, p. 37).

Ou seja, é uma forma privilegiada de tratar cientificamente objetos advindos das relações sociais, em que os sujeitos, encenando seus papéis sociais, agem e reagem por meio da linguagem. Aqui, entendemos a linguagem como ação humana na e sobre a natureza e ação que reifica as práticas sociais dos sujeitos. Então, ao escolher esse tipo de pesquisa para compreender o objeto exposto aqui, assumimos que a pesquisa qualitativa se mostra sensível para fazer com que o pesquisador tenha a “capacidade de se colocar no lugar do outro” (Minayo, 2012, p. 623).

É importante dizer que a pesquisa qualitativa não está interessada em descortinar o objeto investigado, como se fosse um corpo em uma mesa de autópsia. Ela assume uma questão social, que faz com que não caia no (des)vão das abstrações epistemológicas e chegue ao abismo do parâmetro interpretativista sem compreender o outro. Não é o corpo em si, mas as constituições de um corpo, seus meandros e deslizes, suas atemporalidades e influências, o corpo como *microcosmos* social.

Por tratarmos aqui nesse estudo de tecnodiscursos, faz-se necessário compreender que as redes sociais fizeram com que os sujeitos assumissem um papel social de destaque. Antes, quando não existia esses locais de profusão tecnodiscursivas, os sujeitos comentavam as notícias de forma mais restrita ao seu grupo social, em seus locais cotidianos (família vendo TV, no trabalho, no transporte público ouvindo uma rádio ou lendo um jornal impresso ou digital, entre outros); com o advento das redes sociais, os sujeitos saíram de suas bolhas e puderam interagir com grupos maiores e, por isso, com um maior alcance. Afora isso, os próprios portais de notícias foram seduzidos e reconfiguraram as suas matérias, que se tornaram mais enxutas, com títulos mais chamativos e com apelos verbo-visuais. Não obstante, apresentaram a possibilidade de uma maior interação com o leitor: os comentários. O que antes estava reduzido a uma carta ao editor de um jornal ou revista, passou a ter a facilidade, no momento da divulgação da notícia, de o sujeito nela se colocar como comentador, apresentado a sua posição sobre o fato noticiado e, por isso, carregado de um renque de conceitos que já traz consigo, entre eles, discursos de negação da ciência que circulam em seu meio social.

No caso específico dos tecnodiscursos, os sujeitos que produzem as suas respostas em face da notícia lida na página do portal de notícia e lá mesmo depositam os seus comentários, reificam a linguagem, reelaboram a significação do fato, impregnam de seus conhecimentos de mundo sobre o que leu e produzem um discurso que é a síntese do que ele vivenciou. Então, é comum perceber nesses comentários o contraponto entre a ciência, divulgada no periódico, com o discurso de negação da ciência, presente no comentário. Tão importante quanto observar essas duas vozes ali registradas, é observar as curtidas e as respostas (ou responsividade, em termos bakhtinianos) a que esse mesmo comentário se abriu. É o efeito “cascata”, termo bem definido por Paveau (2021), ou dialógico e responsivo, nos sentidos emprestados de Bakhtin (2015; 2016) e Volóchinov (2018).

Por outro lado, como pesquisadores, essa compreensão “é parcial e inacabada, [...] pois também somos limitados no que compreendemos e interpretamos” (Minayo, 2012, p. 623), da mesma forma que nos compreendemos como sujeitos subjetivos, com preconceitos e influenciados pelos tecnodiscursos, entre eles os de negação científica, já que sempre nos colocamos no *front* de defesa da ciência e, por isso, numa posição valorativa sobre o outro. Assim, reconhecer a “[...] subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa [...]” (Flick, 2009, p. 25). Parece ser um caminho importante para o olhar que se lança sobre o objeto e sobre o sujeito pesquisado, vez que nossa “matéria prima é composta por um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação” (Minayo, 2012, p. 622).

Então, parece relevante lembrar, sendo a linguagem a questão central da pesquisa qualitativa, que as formas como os sujeitos lidam com ela e nela dão mostras de suas lutas, indicam que a “vivência de cada um sobre o mesmo episódio é única e depende de sua personalidade, de sua biografia e de sua participação na história” (Minayo, 2012, p. 622). Ou

seja, muito embora os discursos de negação da ciência no Brasil entre os anos de 2018 e 2022 tenham se abrigado nos discursos de Jair Bolsonaro e por este assumir uma posição de *discurso de autoridade* (Volóchinov, 2018), a forma como cada sujeito, afetado pelas discursividades do discurso presidencial, registram em seus atos de linguagem evidenciam a sua vivência com os ingredientes do coletivo em que o sujeito vive e as condições em que ela ocorre.

Para dar conta de uma empreitada investigativa rumo a captura de marcas e indícios de discursos de negação da ciência e como esses discursos circulam e se reconfiguram entre usuários das redes sociais, mais especificamente no X/Twitter, assumimos a constituição de um *corpus* multiforme, composto por: a) busca, no X/Twitter da @Veja, de chamadas de matérias jornalísticas que tratem de ciência da saúde, no mês de março de 2020; em seguida, b) seleção nos comentários de posicionamentos que tratam da negação da ciência, categorizando-os em palavras concretas, para, em seguida, c) pesquisar essas palavras em outros enunciados que tratem desse mesmo negacionismo presentes em discursos governamentais de autoridade aqui no Brasil na referida cronotopia (para isso, realizamos uma busca simples no próprio X/Twitter e no *google.com* utilizando o recurso das palavras concretas encontradas, seguidas das palavras Bolsonaro e Governo, com seleção dos achados com mais repercussões e com mais engajamento). Após esses procedimentos, passamos à análise dos dados, momento que utilizamos as noções de dialogismo (Bakhtin, 2015; 2016) e responsividade (Volóchinov, 2018) para evidenciar como os discursos presentes nos comentários estão, de algum modo, em estreita relação com outros discursos circulantes, a exemplo dos discursos de negação da ciência verbalizados por Jair Bolsonaro no ápice da crise sanitária no Brasil.

Como parâmetro de busca, selecionamos para a constituição do *corpus* apenas as chamadas de notícias que possuam no mínimo 100 curtidas e no mínimo 10 comentários. Como a questão do engajamento é importante para observar a circularidade e as relações dialógicas dos comentários com a notícia, estabelecer essa linha de corte foi importante para dar melhor atenção à questão macroestrutural da pesquisa e, com isso, congrega várias palavras concretas no entorno de determinado negacionismo e, assim, alimentar a nuvem de palavras de modo que dê conta de mostrar o *microcosmos* dialógico do objeto de estudo.

Ao agrupar os comentários de negação da ciência na categoria ciências da saúde, é possível organizar o *corpus* de forma mais consistente com as áreas de maior abrangência das matérias jornalísticas do período, vez que estávamos no ápice da pandemia Sars-Cov-2 (novo coronavírus) e o noticiário se voltava com muita força para a doença em si, para os seus desdobramentos e para as implicações da patologia no cotidiano do brasileiro. Ao optarmos por utilizar o recurso de palavras, pensamos em categorizar os discursos de negação da ciência que se apresentavam com maior força no período e, assim, apresentar uma amostra do período.

Feitos esses esclarecimentos, passamos, agora, a explicitar de forma mais detalhada como se deu o processo de seleção, coleta e agrupamento dos comentários.

No X/Twitter há a possibilidade de pesquisa por palavras-chave, uma facilidade que a rede oferece ao usuário para encontrar informações específicas, e aqui utilizamos esse recurso. Primeiramente, foi preciso acessar a plataforma pelo seguinte *link* <https://X/Twitter.com/search-advanced>. Em seguida, na própria ferramenta, seguimos as orientações de buscas que podem ser por palavra isolada, uma frase inteira, duas palavras juntas ou uma *hash*-

tag⁸. Em seguida, selecionamos a língua específica para a busca que, nesse caso, foi a língua portuguesa brasileira. Feito isso, escolhemos a conta do portal de notícias, o @Veja. Nessa ação, é possível selecionar o que foi publicado nesse perfil, o que esse perfil respondeu ou as menções que usuários fizeram sobre ele. Na opção seguinte, no filtro de refinamento de buscas, marcamos as opções “Incluir respostas e *Tweets* originais” e “Incluir *Tweets* com *links*”. Esse movimento oferece uma possibilidade de maior amplitude da pesquisa e que informações importantes não se percam durante a busca, o que seria comum se a pesquisa tivesse sido feita por meio de busca simples, omitindo as respostas e os *links*. O próximo passo, é o engajamento. Nessa ação, optamos por delimitar o número mínimo de 10 comentários e mínimo de 100 curtidas. Em seguida, na opção Data, selecionamos o período entre 1º e 31 de março de 2020⁹ (anexos – imagens 1, 2, 3 e 4).

Feitos esses esclarecimentos sobre as estratégias de coleta e agrupamento de dados, passamos, agora, para a próxima seção em que evidenciamos as justificativas para as escolhas das palavras-chave, para a forma de apresentação dos dados em quadros e para o recorte dos dados que aparecem na nuvem de palavra¹⁰ em que as palavras-chave mais recorrentes aparecerão com maior enfoque e, na sequência, as imagens que registram regularidades discursivas para, assim, evidenciar sua ecologia discursiva. Também, apresentamos uma triangulação, qual seja: a) interfaces entre os comentários de negação da ciência em matérias sobre a ciência da saúde com comentários de negação de evidências científicas com achados recorrentes nos discursos de governo de Jair Bolsonaro.

⁸ A *hashtag* é simbolizada pelo ícone # mais uma palavra específica e é muito usada no X/Twitter. Esse recurso oferece ao usuário um renque de informações, a exemplo do assunto mais comentado naquele momento e qual a sua posição na escala nacional e mundial de temas mais comentados (que estão nos trending topics ou uma tendência). À guisa de ilustração, quando o ex-presidente Bolsonaro tratou a pandemia como uma “gripezinha” (Assunção; Cavalcante Filho, 2024), a *hashtag* #gripezinha alcançou os trending topics mundiais por uma semana. No próprio X/Twitter é possível clicar nas *hashtags* que aparecem ao lado direito da tela, na aba assuntos populares, e descobrir a que elas se referem, como e onde estão sendo usadas e se se referem positivamente ou negativamente em relação ao que ela se refere primeiramente. Afora isso, é possível, ao publicar, o usuário criar a sua própria *hashtag* e não é incomum a utilização de robôs virtuais para popularizar *hashtags* específicas, a exemplo de palavras extraídas de um debate eleitoral e de anúncio de produtos. Essas práticas ferem as diretrizes do X/Twitter e é sempre alvo de questionamentos dos usuários e de suspensão de contas na plataforma.

⁹ Em anexo, apresentamos uma sequência de 4 imagens, com a ecologia da página no momento dos *prints*, que mostram como é a ferramenta de busca avançada e quais os seus filtros de busca.

¹⁰ Uma nuvem de palavra é uma possibilidade prática de visualização de palavras mais recorrentes sobre um determinado assunto. Utilizamos o WordArt, que é uma ferramenta que permite a criação desse tipo “gráfico linguístico” a partir de textos fornecidos pelo usuário. O site pode ser acessado a partir do endereço <https://wordart.com>.

4 A palavra na rede e a rede de sentidos: análise do emaranhado de tecnodiscursos

Primeiramente, é importante fazer uma observação: como já adiantamos na seção de metodologia, registramos, aqui abaixo no quadro, quais serão as palavras da busca e as justificativas dessas escolhas. Como definido que serão objeto de análise os comentários feitos nas matérias que tratem de ciências da saúde publicadas no X/Twitter da @Veja, buscamos no portal Capes¹¹ as palavras-chave que comporão a pesquisa, a saber:

Quadro 1 – Palavras-chave – Área de Conhecimento Ciências da saúde – CAPES 2022

Palavra-chave primária	Palavras-chave secundárias	Justificativa
Saúde	Saúde pública Epidemiologia (vírus, pandemia, corona-vírus, Sars-Cov-2, covid-19) Enfermagem Medicina preventiva (isolamento social, aglomeração e higiene pessoal) Farmácia (medicamento, vacina) Patologia (gripe, resfriado, febre, tosse)	Dentre a área Capes de Ciência da Saúde, escolhemos as palavras-chave dispostas nas colunas centrais em decorrência de ser o período do estudo marcado pela pandemia do Sars-Cov-2 e serem essas as palavras mais comuns utilizadas pelos usuários em redes sociais. Também são palavras que, de algum modo, estiveram presentes em nossas trocas dialógicas no período de agravamento da pandemia. Virtualmente, essas palavras sempre apareciam com força nos <i>trending topics</i> do X/Twitter com as <i>hashtags</i> em destaque diariamente. As palavras que aparecem dentro dos parênteses não correspondem às áreas da Capes, mas são desdobramentos linguísticos dos termos tratados no documento de Áreas do Conhecimento. Portanto, são palavras que escolhemos após uma leitura prévia dos dados mapeados.

Fonte: elaboração própria dos autores

Após a busca por essas palavras, partimos para o agrupamento em formato de nuvem de palavra (Recuero, 2016). Esse tipo de apresentação deixa em evidência os termos ou palavras que aparecem com mais regularidades dentro de um determinado tecnodiscurso. Para isso, alimentamos a base de dados da ferramenta *WordArt* com os enunciados categorizados após a seleção nos comentários. Como utilizamos a ferramenta *printar* para dar conta da ecologia do enunciado, criamos um quadro em que registramos em palavras os negacionismos mapeados.

¹¹ <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio-1/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao>

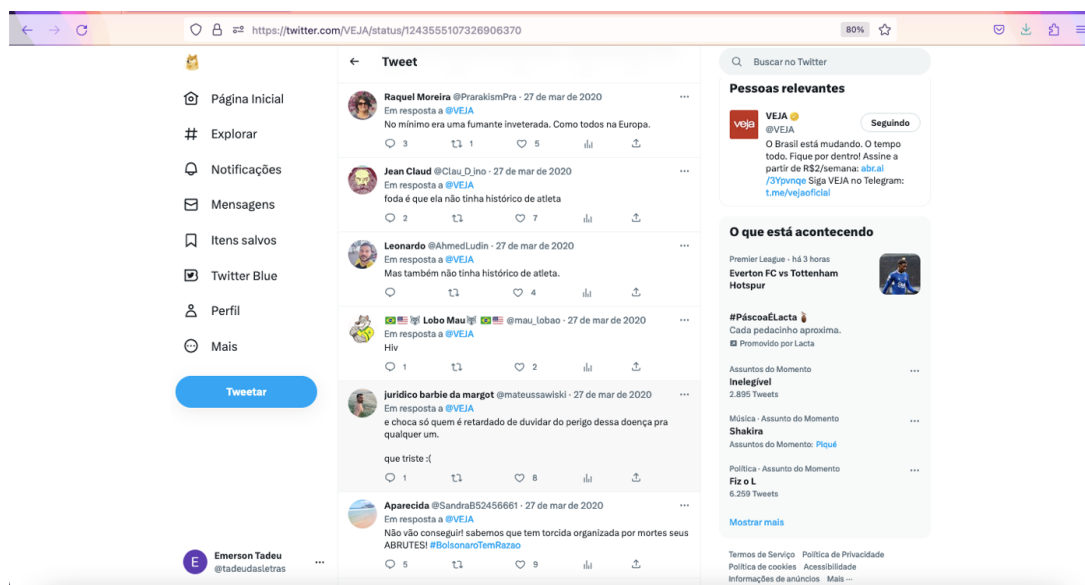
Quadro 2 – Tabela de recorrência de palavras/negacionismos

Sequência de busca	Palavra que indicia um Negacionismo	Frequência
((saúde OR pública OR epidemiologia OR vírus OR pandemia OR coronavírus OR Sars-Cov-2 OR covid-19 OR enfermagem OR medicina OR preventiva OR isolamento OR social OR aglomeração OR higiene OR pessoal OR farmácia OR medicamento OR vacina OR patologia OR gripe OR resfriado OR febre OR tosse)) (from:Veja) until:2020-03-31 sice:2020-03-01	Fofoca/Mentira	10
	Atestado de óbito falso	9
	Ofensa à Revista	6
	Comunismo/Socialismo	5
	#BolsonaroTemRazao/ #BolsonaroTemRazaoSim	5
	Espetacularização	5
	Histeria/Pânico	4
	Anti-isolamento	3
	E daí?	3
	Histórico de atleta / Atleta	3
	Cloroquina/hidroxiclороquina	3
	Curados?	2
	Gripe	1
	Vitimismo	1
	HIV	1
	Fumante	1
	Idosos	1
	China	1
	Total	64

Fonte: elaboração própria dos autores

Nesse quadro, relacionamos a recorrência/frequência das palavras que registram um negacionismo científico retirado dos comentários. Foram 50 achados com base na sequência da busca e que se enquadram nos parâmetros utilizados. No quadro podemos ver que foram 64 comentários que materializam algum tipo de negacionismo em relação às notícias publicadas. Todas foram, sem exceção, relacionadas com notícias sobre a pandemia e com seus desdobramentos no mês de março de 2020. Observando a forma que aparecem os nomes/perfis dos comentadores, podemos ver bandeiras do Brasil e dos EUA. Esse fato, por si, já homogeneiza um grupo específico padrão/regular no X/Twitter: apoiadores do ex-presidente Bolsonaro. Vejamos a ecologia tecnodiscursiva abaixo:

Imagem 3 – *Print* ecologia tecnodiscursiva – negacionismo



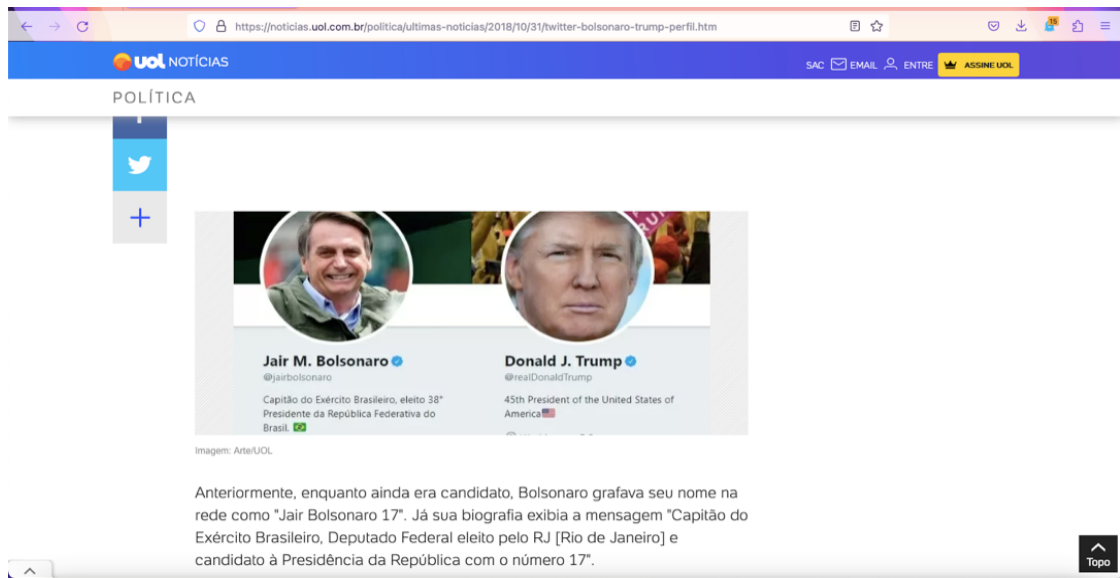
Fonte: <https://X/Twitter.com/search-advanced> Acesso em: 03 abr. 2023

Na ecologia acima, no comentário de **Lobo Mau**, vemos um exemplo do uso das bandeiras do Brasil e dos EUA. O comentário “HIV” foi feito em uma chamada/notícia sobre a morte de uma jovem de 16 anos em decorrência da Covid-19 que não possuía comorbidades. Numa tentativa de suavizar a pandemia em si, o comentador traz a informação “HIV” (Vírus da Imunodeficiência Humana) para justificar a morte de uma pessoa jovem, que não apresentava nenhum tipo de patologia que pudesse ajudar no agravamento da doença. Nem na matéria, tampouco na chamada, há a informação de que a jovem seja portadora do HIV, muito menos indicia algum tipo de dúvida sobre seu quadro geral de saúde.

Embora aqui neste texto a análise tecnográfica não seja a escolha para esse artigo, é importante registrar que a imagem e a disposição de um comentário podem ser lidos para além do texto verbal. Sobre tecnografismo, trazemos aqui a voz de Paveau: “Chamaremos de tecnografismo uma produção semiótica que associa texto e imagem num compósito nativo da *internet*” (Paveau, 2021, p. 341). Voltando aos usos das bandeiras e mesmo das imagens do perfil, lembramos que o próprio ex-presidente, além de fazer usos recorrentes da bandeira do Brasil, faz uso da bandeira de Israel, que no imaginário sócio-discursivo significa “terra prometida para os Judeus” e significa um claro aceno de Jair Bolsonaro¹² aos religiosos cristãos que deram sustentação para seu governo no congresso e nas igrejas. Da mesma forma, o uso da bandeira dos EUA significa um claro apoio de Bolsonaro ao então presidente Donald Trump. O próprio perfil de Jair Bolsonaro no X/Twitter na data da captura mantém apelos visuais simbolicamente dialógicos com o de Trump, como podemos ver na ecologia abaixo:

¹² <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/09/08/por-que-eventos-bolsonaristas-tem-bandeiras-de-israel.htm>

Imagem 4 – *Print* Perfis de Bolsonaro e Trump no X/Twitter



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/10/31/X/Twitter-bolsonaro-trump-perfil.htm>
Acesso em: 09 maio 2023

Feito esse primeiro gesto de análise e evidenciando a possibilidade de análise tecnológica, seguimos, agora, para a nuvem de palavras fornecidas pelo *WordArt* com base nos dados extraídos do Quadro 2. A nuvem traz em escala de tonalidade e tamanho as palavras que aparecem com mais regularidade (frequência) com a cor mais escura e fonte maior e com a cor mais clara e fonte menor, as que menos aparecem. Vejamos:

Imagem 5 – Nuvem de palavras – Negacionismo



Fonte: www.wordart.com

Focaremos aqui nas duas recorrências mais mencionadas, quais sejam: Fofoca/Mentira (10 negacionismos) e Atestado Falso (9 menções). Entretanto, duas outras menções merecem ser citadas aqui: as ofensas à revista e o uso da *hashtag* #BolsonaroTemRazao/#BolsonaroTemRazaoSim. O primeiro caso tornou-se lugar comum nos discursos presidenciais (Assunção; Cavalcante Filho, 2024). Comumente, o ex-presidente sempre se reportou à mídia tradicional de forma pouco cordata e insinuava que os veículos de informação estavam usando da pandemia para atacar o seu governo¹³. De igual modo, o uso da *hashtag* funcionava como um referendo ao presidente e, além disso, servia como métrica do apoio à Bolsonaro ocupando, por vezes, os *trending topic* do X/Twitter. À guisa de ilustração, a pesquisa no X/Twitter no mês de março de 2020 da sequência (#Bolsonarotemrazao) until:2020-03-31 since:2020-03-01 encontrou 70 postagens utilizando a *hashtag* para referendar publicações sobre a pandemia, negando-a, ao mesmo tempo que referenda as posições discursivas de Jair Bolsonaro no tratamento da emergência de saúde pública.

Voltemos, agora, à primeira palavra da nuvem acima: Fofoca/Mentira. Os usuários que, lexicalmente, escolheram essa palavra o fizeram com certa modulação discursiva, que foi desacreditar a mídia, afirmando que os veículos de informação estavam fazendo alarde e mesmo criando pânico na população (4 achados – ver Quadro 2), com a finalidade de a) atacar o presidente e b) criar um ambiente de medo para uma suposta invasão esquerdista/comunista/socialista (5 achados – ver Quadro 2) da China que, para eles, é a responsável pela disseminação do vírus e que o fez com a finalidade de vender as vacinas e medicamentos, o que não se comprovou com a história (afinal de contas, ainda não há um medicamento disponível para venda em farmácias e as vacinas aplicadas são de laboratórios de diversas nacionalidades com espectros ideológicos diferentes).

Bakhtin (2015) nos ensina que, ao produzir um discurso, o sujeito nele se coloca e sobre ele dá mostras dos discursos vindos de outros que constituem o seu dizer. Afinal de contas, o sujeito não é um adão bíblico, primeiro e fundador, que produz um discurso inicial. Ao trazer para o seu discurso as palavras de outro, o sujeito reconhece que o

discurso falado vivo está voltado de modo imediato e grosseiro para a futura palavra-resposta: provoca a resposta, antecipa-a e constrói-se voltado para ela. Formando-se num clima do já dito, o discurso é ao mesmo tempo determinado pelo ainda não dito, mas que pode ser forçado e antecipado pelo discurso responsivo. Assim acontece em qualquer diálogo vivo (Bakhtin, 2015, p. 52-53).

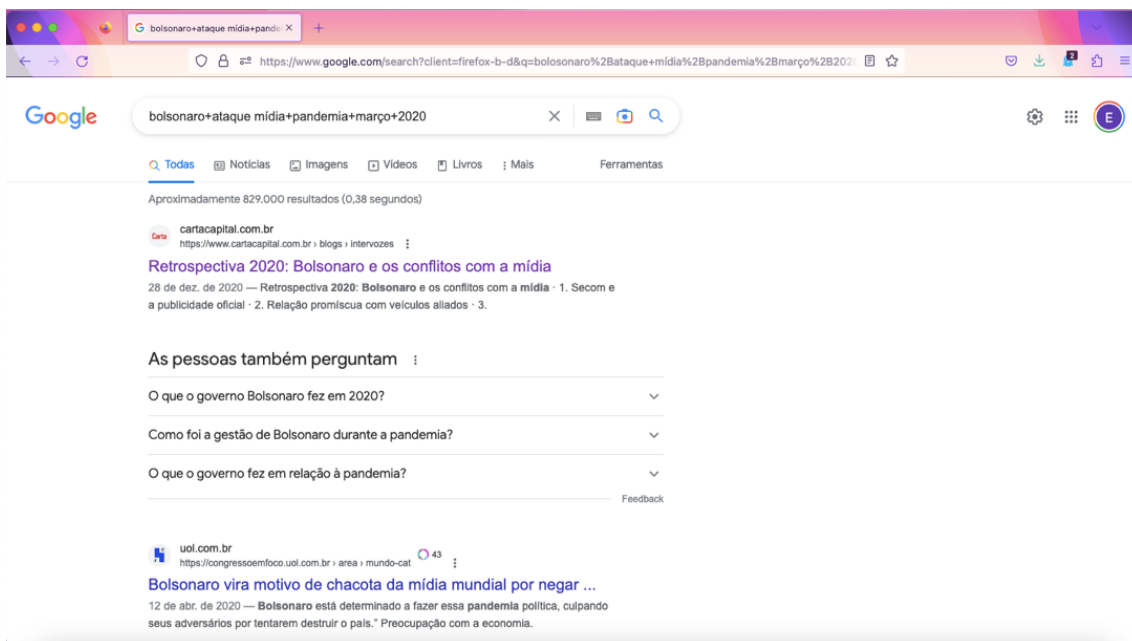
Isso significa dizer que, ao escrever um comentário no X/Twitter, o usuário não o faz de forma aleatória e mesmo desconexa de outros discursos. Ele, na verdade, recupera outras vozes, ora confrontando a sua tese, ora buscando nesse discurso um referendo para o que se

¹³ Sobre isso, Assunção e Cavalcante Filho afirmam: “Pouco adepto a entrevistas para a mídia tradicional, o ex-presidente preferia as redes sociais. Entretanto, quando concedia entrevistas para os veículos de imprensa do Brasil, tinha preferências pela mídia aliada de seu governo. Espremidos nas grades do “cercadinho” do Palácio do Planalto, os repórteres dos demais veículos de comunicação esperavam o momento em que o ex-presidente saía para cumprimentar aliados para tentar entrevistas com Bolsonaro. Sempre marcadas por um tom mais enérgico e por palavras pouco cordatas, o ex-presidente fazia ataques aos repórteres, impondo uma política de silenciamento àqueles que questionavam medidas do governo ou que, simplesmente, perguntavam algo que Bolsonaro não queira falar. “E daí?”, “Quer que eu faça o quê?”, “Não sou coveiro”, “Cala a boca”, “É só uma gripezinha”, entre outras, são algumas das respostas dadas por Bolsonaro quando instado a falar sobre os efeitos da pandemia na vida do brasileiro” (Assunção; Cavalcante Filho, 2024, p. 7166).

afirma, já que as “palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos” (Bakhtin, 2016, p. 54). É, nesses termos, que Bakhtin conceitua o dialogismo.

Para comprovar essa visada dialógica, trazemos aqui alguns posicionamentos do ex-presidente Jair Bolsonaro que, ao atacar a mídia, estão dialogicamente (re)elaborados nos comentários dos seguidores. Vejamos a seguinte pesquisa¹⁴:

Imagem 6 – Busca simples www.google.com



Fonte: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=bolosonaro%2Bataque+m%C3%ADdia%2Bpandemia%2Bmar%C3%A7o%2B2020> Acesso em: 10 maio 2023

Usando a busca simples no www.google.com dos termos Bolsonaro+ataque mídia+pandemia+março+2020 encontramos um renque de matérias que tratam dos ataques do ex-Presidente aos veículos de comunicação. Aqui, trazemos uma matéria publicada na *Folha de São Paulo*¹⁵ em dezembro de 2020 que historicista os ataques de Bolsonaro e apresentamos um fragmento na ecologia tecnodiscursiva a seguir:

¹⁴ Como a rede X/Twitter é editável e possível de exclusão de postagens, faremos uma busca simples no www.google.com com os termos em destaque.

¹⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/veja-o-que-bolsonaro-ja-fez-para-confrontar-medidas-de-combate-ao-coronavirus.shtml> Acesso em 10 maio 2023.

Imagem 7 – Matéria – Folha de São Paulo – Bolsonaro e Mídias



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/veja-o-que-bolsonaro-ja-fez-para-confrontar-medidas-de-combate-ao-coronavirus.shtml> Acesso em: 10 maio 2023

As palavras escolhidas por Bolsonaro estão, *paripassu*, engendradas nos discursos de seus apoiadores. Dialogicamente, são discursos que se conversam e que viajam numa mesma rota: desacreditar a mídia que, por meio do negacionismo científico, mascara estratégias de gerência de crise, de manutenção da ordem e o exercício do autoritarismo como mecanismo de poder.

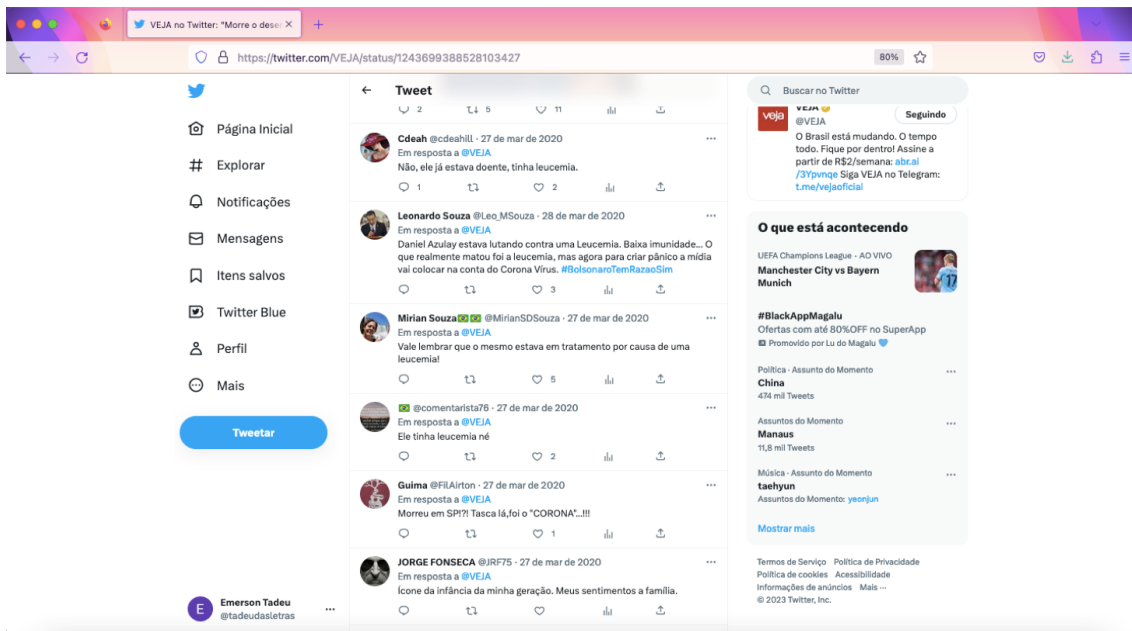
E daí? Histeria. Fantasia. Histórico de atleta. Isolamento vertical. São algumas palavras pinçadas dos discursos de Bolsonaro¹⁶ no e para o enfrentamento da pandemia. Essas mesmas palavras estão dispostas nos comentários de negação da ciência mapeados e que estão evidentes no Quadro 02 e na nuvem de palavras (Imagem 5). Conforme Bakhtin (2015), são palavras de Bolsonaro registradas nos discursos de outros; estão dialogicamente em concordância. Os sujeitos ao escolherem essas palavras, o fazem com o seu tom valorativo que, aqui nesse caso, é de acordo, aquiescência e de verdade, já que o discurso de um presidente, que ocupa uma posição de poder, tem a potencialidade de produzir em seu interlocutor um discurso de saber. Observando o que diz Bakhtin (2015) sobre discurso de autoridade (e o discurso autoritário), é possível depreender que esse tipo de discurso se fundamenta num certo estatuto de verdade, que reforça posicionamentos significativamente dados e que não aceita outras vozes discordantes e, por isso, a palavra de autoridade não se abre para a contestação, vez que ela não é apenas a palavra em si, mas um sujeito que ocupa uma posição de autoridade. Em síntese, esse tipo de palavra “[...] é apenas transmitido. Sua inércia, seu acabamento semântico e sua ossificação, seu afetado isolamento externo, a inadmissibilidade de que se aplique a ele um livre desenvolvimento estilizante – tudo isso exclui a possibilidade de uma representação ficcional do discurso autoritário (Bakhtin, 2015, p. 138).

Passemos, agora, para o segundo exemplo: Atestado falso. Escolhemos essa palavra concreta porque é a síntese de um discurso presente em diversos comentários, que representa

¹⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/05/em-15-frases-relembre-desprezo-de-bolsonaro-pela-pandemia-da-covid-19.shtml>

o negacionismo: todas as mortes no Brasil no período da pandemia são mortes por covid; ninguém mais morre de outra coisa. A ecologia abaixo traz um exemplo:

Imagem 8 – Negacionismo – Atestado falso



Fonte: <https://X/Twitter.com/search-advanced> Acesso em: 11 abr. 2023

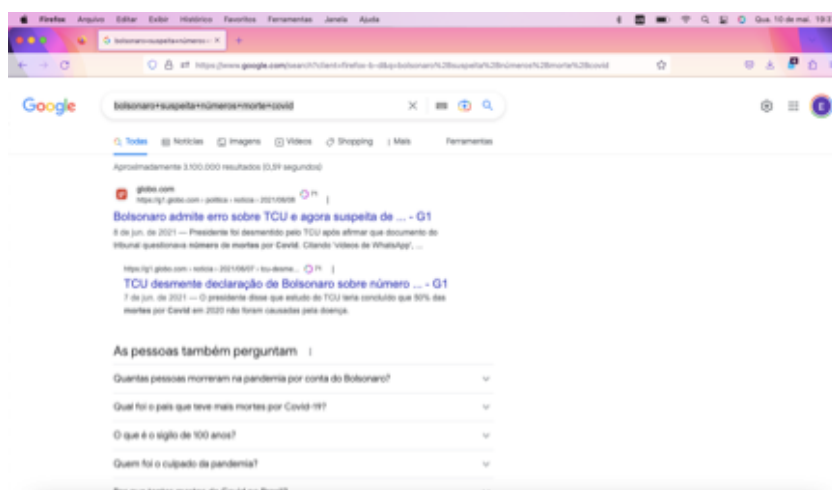
A matéria postada no X/Twitter que se abriu para esses comentários trata da morte do ator Daniel Azulay em decorrência do coronavírus. O ator lutava contra uma leucemia e acabou sendo infectado pelo vírus da covid-19, que agravou o seu quadro, culminando com o seu falecimento. Entretanto, a causa da morte não foi a leucemia em si, mas a infecção pelo coronavírus. Os comentários não consideram essa informação e lançam dúvidas sobre as mortes no período, como podemos ler no comentário de Leandro Souza: “Daniel Azulay estava lutando contra uma Leucemia. Baixa imunidade... O que realmente matou foi a leucemia, mas agora pra criar pânico a mídia vai colocar na conta do Corona vírus. #BolsonarotemRazaoSim” (sic). Nesse comentário, além do uso da hashtag de apoio ao então presidente Jair Bolsonaro, observamos a suavização da Covid-19 (que só mataria quem possui comorbidades), a crítica à mídia (criar pânico) e o atestado de óbito falso (vai colocar na conta do Coronavírus) (sic).

A partir das reflexões de Volóchinov (2018), em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*, a responsividade é mais que uma parte do diálogo; é uma resposta ativa, um posicionamento, uma réplica, uma oposição estabelecida pelo interlocutor frente a um diálogo, vez que a “palavra é orientada para um interlocutor” (Volóchinov, 2018, p. 204). Não existe, por isso, neutralidade ideológica, tampouco assujeitamentos, já que somos interpelados pela língua e por meio dela (re)agimos e manifestamos, sempre, nossa posição. Somos, naturalmente, sujeitos responsivos e tudo que chega a nós, de alguma forma, se abre para outros enunciados, mas nunca da mesma forma que chegou: entra na roda discursiva já com nosso tom valorativo, nossas impressões e avaliações e manifesta receptividade para outros discursos. Tanto é assim que nos constituímos como sujeito na estreita relação entre dialogia-responsividade presentes num enunciado, que “se forma

entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence” (Volóchinov, 2018, p. 204).

Já que “toda palavra é ideológica” (Volóchinov, 2018, p. 217), as escolhas lexicais presentes nos comentários reificam essa ideologia. Como Bolsonaro fez durante o período pandêmico diversas inserções discursivas negando a gravidade da pandemia, é comum que os comentários dos seus apoiadores sigam nessa mesma linha. Isso se comprova, por exemplo, pelo número de comentários que trazem discursos negacionistas sobre o número de mortes em decorrência da Covid-19 (ver Quadro 2). Para ilustrar, trazemos abaixo um resultado de uma busca no www.google.com dos termos `bolsonaro+suspeita+números+morte+covid`. Vejamos as seguintes ecológicas:

Imagem 9 – Pesquisa de termos no www.google.com



Fonte: www.google.com Acesso em: 10 maio 2023

Imagem 10 – Primeiro achado da busca de termos no www.google.com



Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/08/bolsonaro-admite-erro-sobre-tcu-mas-insiste-em-sobrenotificacao-de-mortes-por-covid-19.ghtml> Acesso em: 10 maio 2023

Na notícia em espeque (Imagem 10), lemos que Bolsonaro suspeita que governadores tenham supernotificado os casos de mortes em decorrência da covid-19. Ao levantar suspeitas, o ex-presidente abre o seu discurso de autoridade para que outros enunciados comtem, refutem, concordem, neguem o que foi dito. Como ocupa uma posição de poder, essa sua posição (re)produz um saber. É como se, nos termos de Volóchinov (2018), o representante médio daquele grupo social legitimasse um saber que chega ao seu interlocutor como voz de autoridade.

Por fim, para confirmar que o negacionismo sobre a supernotificação de mortes pela covid-19 feito pelos usuários do X/Twitter (Quadro 2) encontra na voz de autoridade de Bolsonaro uma espécie de referendo, apresentamos a próxima ecologia tecnodiscursiva. Vejamos:

Imagem 11 – Dúvidas sobre notificação de óbitos



Fonte: <https://istoe.com.br/bolsonaro-mortes-comecam-a-cair-por-medo-de-investigacao-dos-numeros-da-pandemia/> Acesso em: 11 maio 2023

Embora tenha dito em 20 de abril de 2020 e os comentários tenham sido feitos em março, Bolsonaro já levantava suspeitas sobre as notificações de óbitos desde final de março e nesse mesmo mês ele se refere pela primeira vez à infecção pelo coronavírus como uma *gripezinha* (Assunção; Cavalcante Filho, 2024), minimizando a patologia e encorajando o cidadão a não seguir as orientações da Organização Mundial de saúde (OMS). Tanto que, a partir de junho de 2020, o Ministério da Saúde parou de publicar diariamente os dados da covid-19 e isso ficou a cargo dos veículos de comunicação que, numa espécie de consórcio, buscavam nas secretarias municipais e estaduais de saúde os dados para, ao final do dia, divulgá-los.

Todo enunciado é dialógico e é responsivo. É com essa premissa que a Análise Dialógica do Discurso (ADD, como propõe Brait, 2006) nos fornece fundamentos que sustentam as análises que aqui defendemos. Se, para Bakhtin (2016), não existe um ouvinte e um entendedor, porém existe o falante e o ouvinte, e este último, ao perceber o significado do discurso, ocupa uma posição responsiva ativa e mesmo uma (re)ação, o sujeito ao dizer em seu comentário “pra criar pânico a mídia vai colocar na conta do Corona vírus” (Imagem 7), mostra uma dialo-

gia com o discurso de Bolsonaro, aquiesce do seu teor e coloca em circulação um enunciado que nega a ciência sem, contudo, apresentar prova do contrário.

O negacionismo não é novo, mas está na moda. Governantes populistas e autoritários tendem a exercer seus governos sustentados no medo e no negacionismo de evidências científicas. Usado como estratégia de governo, como bem lembra Fancelli (2022), o negacionismo e o populismo colocam em perigo a democracia. Não é um risco calculado, é um risco que traz efeitos devastadores para a sociedade. Das quase 700 mil mortes por covid-19 no Brasil, estima-se que quase 400 mil poderiam ter sido evitadas se as medidas sanitárias, a compra de imunizantes e o tratamento da pandemia como emergência de saúde pública tivessem sido estratégias de governo. Afinal de contas,

A eficaz difusão de narrativas negacionistas interferiu na compreensão da população quanto a gravidade da doença e na adesão da população brasileira às medidas não farmacológicas, incentivou o uso amplo de medicamentos ineficazes, retardou a imunização da população e contribuiu com a percepção internacional negativa sobre o Brasil e seus governantes. Por isso, não seria exagero afirmar que, no Brasil, o negacionismo aos eventos e ações de saúde coletiva nunca havia sido tão efetivo e tão atroz como o foi nos anos em que vivemos na pandemia do covid-19 (Szwako; Ratton, 2022, p. 235).

5 Considerações finais

Passadas várias páginas desse artigo, foi impossível não lembrar os momentos que ficávamos em frente à TV esperando pelo consórcio de mídia divulgar os dados da covid-19 do dia. Entre as vítimas fatais, pessoas próximas (tia, colegas, amigos, conhecidos) e muitas dores desconhecidas. Muito embora o objetivo central desse artigo tenha sido analisar como, dialógica e responsivamente, os discursos de negação da ciência registrados na rede social X/Twitter no período pandêmico no Brasil estão rarefeitos nos discursos de autoridade do ex-presidente Bolsonaro, esse texto não se finda na cronotopia do período. Mais que uma ancoragem, esse texto é apenas um porto de passagem. É um recorte de um mosaico maior: afinal de contas, o negacionismo científico não foi um acontecimento já-dito e finalizado na histórica recente; o negacionismo é uma realidade que caminha à espreita da ciência.

Os dados apresentados jogam luz sobre um período de obscurantismo que vivemos no Brasil. Ao olharmos os *tweets* mais detidamente, o que causa espanto não é o número de comentários que mostram indignação com a situação de descaso do governo com a pandemia no país, mas, sim, a busca reiterada por justificativas pelas mortes: ou era porque o cidadão era fumante, ou era obeso (não tinha “histórico de atleta”), ou idoso, ou portava o vírus HIV, ou mesmo a tentativa de culpar a mídia por causar pânico, por espalhar fofoca e mentira, por esconder o número de curados e por publicar dados vindos de “atestado de médico falso”. O negacionismo esteve presente em cada comentário que, de forma reiterada, referendava as posições adotadas pelo ex-presidente: “Bolsonaro tem razão”. “E daí” que ao final da pandemia foram 710.174¹⁷ brasileiros mortos em decorrência da Covid-19? “E daí” que, se as

¹⁷ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 3 mar. 2024.

orientações científicas tivessem sido seguidas como estratégia do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro no enfrentamento da pandemia, cerca de 400 mil¹⁸ mortes poderiam ter sido evitadas? Para esses interlocutores, Jair Bolsonaro não teve culpa.

Essas posições, hoje, num mundo pós-pandemia, chegam em outras esferas: afinal de contas, muitos ainda defendem o terraplanismo, o racismo reverso, o feminismo como uma espécie de machismo ao contrário, a Escola/Universidade como palco de ideologização e a homofobia como modismo. Teremos que conviver com esses discursos em nossos cotidianos, afinal de contas, o negacionismo se reinventa, incorpora outras pautas, traduz muitas desinformações e se abre para outros enunciados.

A cronotopia que concluímos esse texto manifesta um sopro de vida: a OMS decretou o fim da pandemia Sars-Cov-2 e, conforme a ciência, conviveremos com surtos de covid-19 por muito tempo, mas, com a população vacinada, o coronavírus não será mais devastador como foi entre os anos de 2020 e 2022, e, felizmente, não temos por ora a institucionalização da negação da ciência como plataforma de governo.

Declaração de autoria

Os autores declaram, para os devidos fins, que não possuem qualquer conflito de interesse neste estudo e que o texto foi elaborado em colaboração por ambos. De forma detalhada, as responsabilidades de cada autor foram distribuídas da seguinte maneira: Emerson Tadeu Cotrim Assunção foi responsável pela delimitação da pesquisa, estabelecimento do objetivo central, redação das seções teóricas sobre tecnodiscursividade (seção 2), elaboração do desenho metodológico (seção 3), coleta de dados na rede social, além da produção do resumo, da introdução e do abstract. Urbano Cavalcante Filho dedicou-se à discussão dos aspectos conceituais da teoria dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, à análise dos aspectos de dialogismo e responsividade dos tecnodiscursos, bem como à atualização e organização do referencial bibliográfico e à revisão linguístico-formal do artigo. Ambos os autores colaboraram na análise dos dados, na formulação das conclusões do estudo, redação dos resultados, introdução e considerações finais, além da revisão final do texto após a avaliação dos pareceristas.

Referências

ASSUNÇÃO, E. T. C.; CAVALCANTE FILHO, U. Não é só uma gripezinha, Presidente! A responsividade enunciativa materializada em comentários e cartazes. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, São José dos Pinhais, v. 17, n. 1, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.1-432.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I*. A estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

¹⁸ Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51870> Acesso em: 3 mar. 2024.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-32.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação*. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio/tabela-de-areas-de-conhecimento-a-avaliacao>. Acesso em: 10 maio 2023.

FANCELLI, U. *Populismo e Negacionismo: o uso do negacionismo como ferramenta para a manutenção do poder populista*. Curitiba: Appris editora, 2022.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KOZINETTS, R. V. *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. São Paulo: Penso Editora, 2014.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.17 n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2012.v17n3/621-626/pt> Acesso em: 10 maio 2023.

MUSSI, R. F. de F.; MUSSI, L. M. P. T.; ASSUNÇÃO, E. T. C.; NUNES, C. P. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. *Revista Sustinere*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/sustinere.2019.41193>

NOVELI, M. Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet? *Organizações em contexto*, São Bernardo do Campo, Ano 6, n. 12, julho-dezembro 2010. DOI: 10.15603/1982-8756/roc.v6n12p107-133

PAVEAU, M-A. *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*. Organização de Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes, 2021.

RECUERO, R. Discurso mediado por computador nas redes sociais. In: LEFFA, V.; ARAÚJO, J. *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos que aprender?* São Paulo: Parábola, 2016. p.17-32.

RECUERO, R.; GRUZD, A. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no X/Twitter. *Galáxia*, São Paulo, v. 21, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-25542019239035>

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no X/Twitter. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 81-94, 2016. Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/05/Em-busca-das-%E2%80%99Credes-que-importam%E2%80%9D.pdf> Acesso em: 20 jul. 2024.

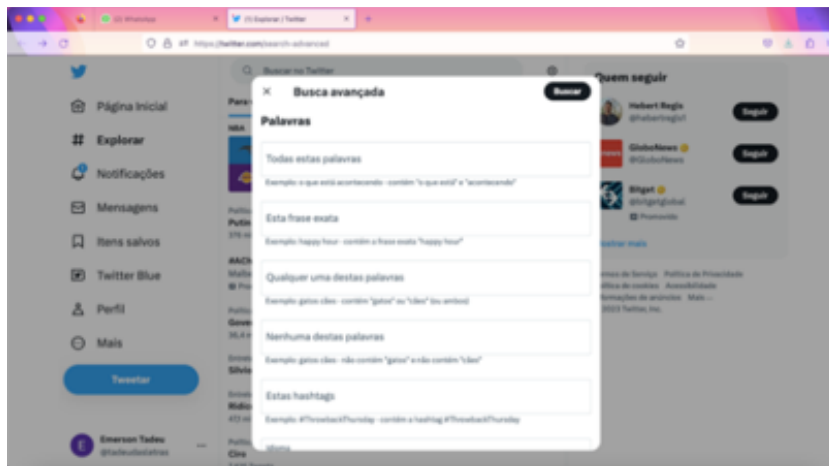
SOARES, S. S. D.; STENGEL, M. Netnografia e a pesquisa científica na internet. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 32, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200066>

SZWAKO, J.; RATTON, J. L. *Dicionário dos negacionismos no Brasil*. Recife: CEPE Editora, 2022.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterian Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

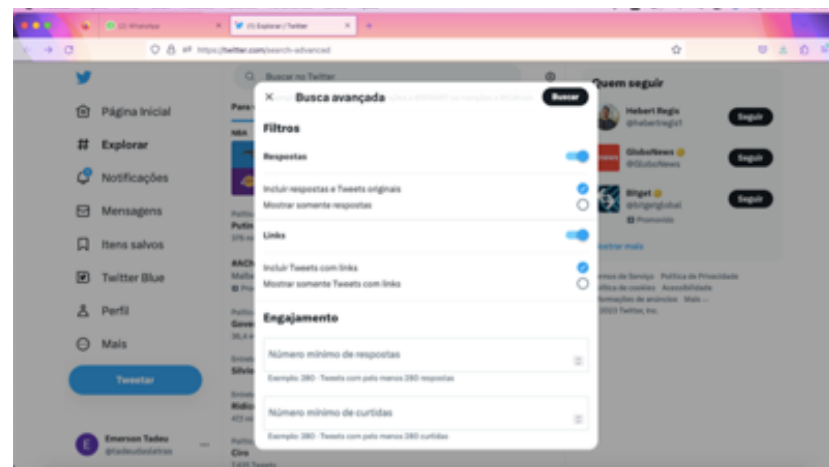
Anexos

Imagem 1 – Print 01 Busca avançada X/Twitter



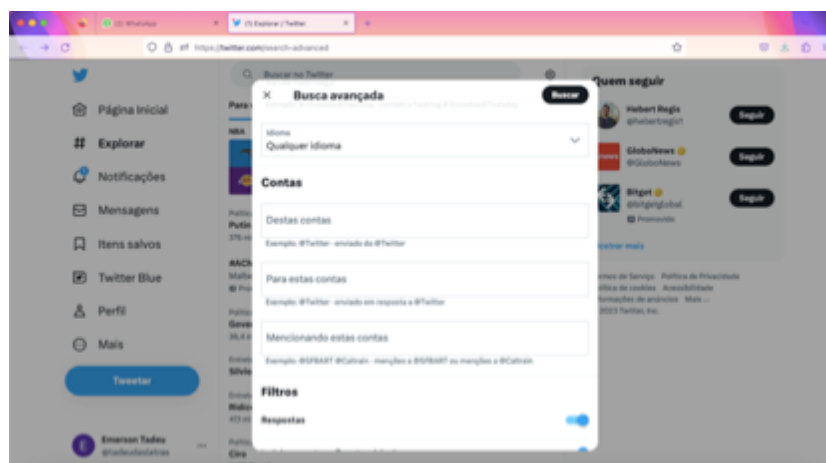
Fonte: <https://X/Twitter.com/search-advanced> Acesso em: 20 mar. 2023

Imagem 2 – Print 03 Busca avançada X/Twitter



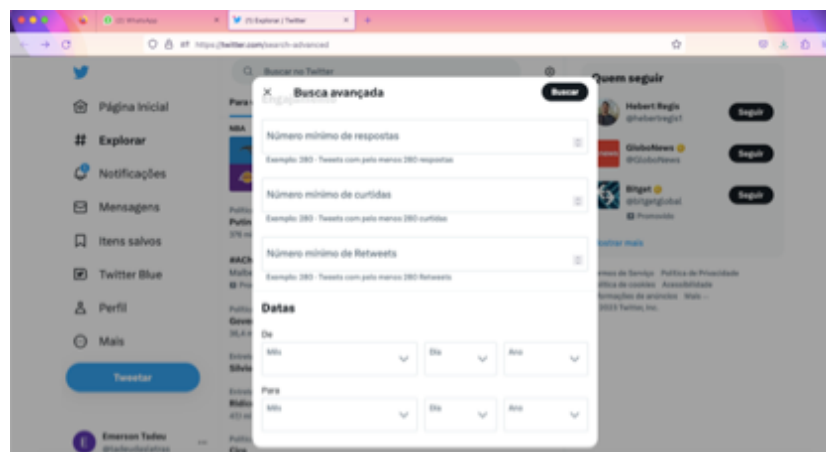
Fonte: <https://X/Twitter.com/search-advanced> Acesso em: 20 mar. 2023

Imagem 3 – Print 02 Busca avançada X/Twitter



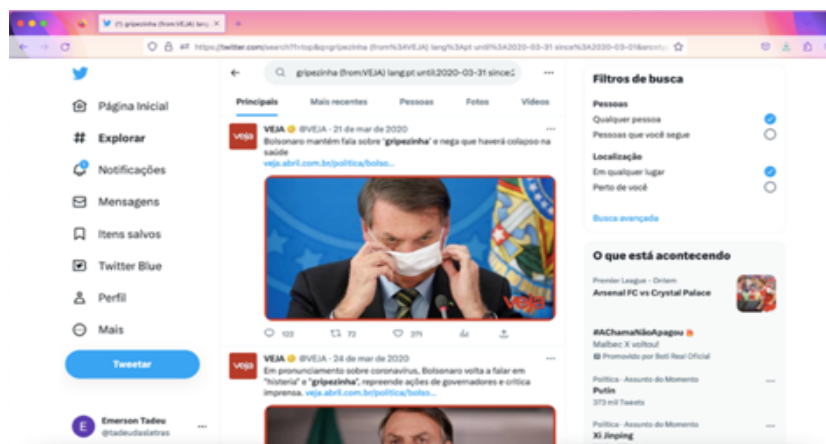
Fonte: <https://X/Twitter.com/search-advanced> Acesso em: 20 mar. 2023

Imagem 4 – Print 04 Busca avançada X/Twitter



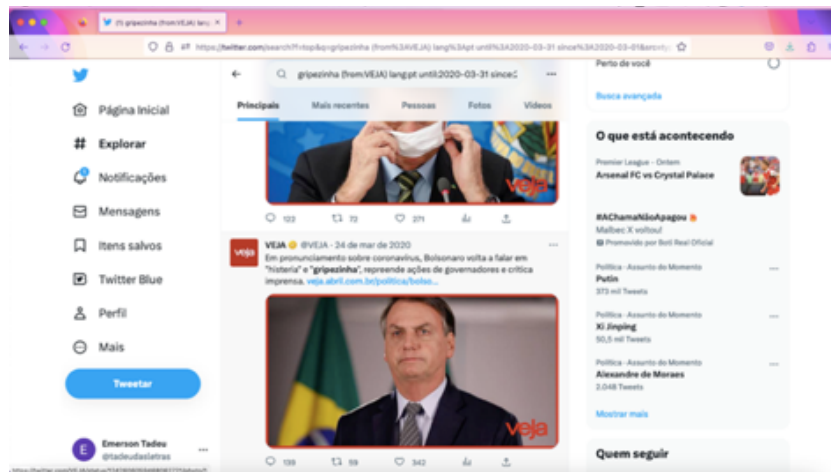
Fonte: <https://X/Twitter.com/search-advanced> Acesso em: 20 mar. 2023

Imagem 5 – Print 01 da Busca avançada no X/Twitter gripezinha



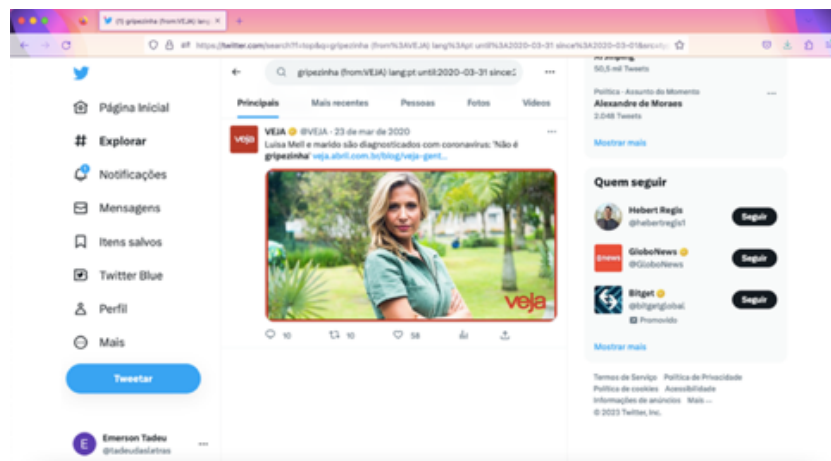
Fonte: <https://X/Twitter.com/search-advanced> Acesso em: 20 mar. 2023

Imagem 6 – Print 02 da Busca avançada no X/Twitter gripezinha



Fonte: <https://X/Twitter.com/search-advanced> cesso em: 20 mar. 2023

Imagem 7 – Print 03 da Busca avançada no X/Twitter gripezinha



Fonte: <https://X/Twitter.com/search-advanced> Acesso em: 20 mar. 2023